

NAEL E DOMINGAS: O TRAUMA E A ORIGEM EM *DOIS IRMÃOS*, DE MILTON HATOUM

NAEL AND DOMINGAS: TRAUMA AND ORIGINS IN TWO BROTHERS, BY MILTON HATOUM

José Bosco Ferreira de Sá Júnior¹

Dois irmãos (2000), de Milton Hatoum, conta a trajetória de uma família de ascendência libanesa, em Manaus. O narrador organiza o relato a partir das vidas dos gêmeos Omar e Yaqub. Para além deles, destacam-se Nael e sua mãe, a doméstica Domingas. No contexto familiar, apesar de ter sido

¹ Mestre em História Social pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Do Amazonas (PPGH-UFAM) e professor efetivo na rede municipal de Manaus (SEMED). Desde 2017, desenvolvo pesquisas em Cultura e Representações através de estudos marcados pelo diálogo entre os campos de História e Literatura. Atualmente, sou membro do grupo de pesquisa *Imaginário e Cultura no Ocidente Medieval*, liderado pelo Prof. Doutor Síval Carlos Mello Gonçalves, analisando romances da contemporaneidade a partir das problemáticas do Tempo e da Memória. Além disso, integro o *Grupo de Estudos em História e Literatura da PUC Minas* (GEHISLIT-PUC MINAS). A partir de 2023, passei a pesquisar romances de origem amazonense, dedicando-me a leituras de romances de Milton Hatoum. Anteriores ao período supracitado, são os meus estudos sobre *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann, que culminaram na dissertação *O singelo Hans Castorp: contexto e debates na formação do protagonista d'A Montanha Mágica*, de Thomas Mann (1912-1924).

criado como um de seus membros, Nael carrega a mácula envolvendo o trauma de sua origem: Domingas foi estuprada por um dos gêmeos na juventude. Dividido em doze seções, o livro contém a narração do episódio em seu momento final, contudo, no 4º capítulo, encontramos o desenrolar traumático da situação. Nael conhecia seu lar, mas nada sabia das origens da mãe. Aqui, na esteira da infância interrompida, refletiremos sobre como violências comuns ao ambiente familiar brasileiro geram traumas. Objetivamente, a análise será operacionalizada a partir do desenvolvimento das imbricações textuais associadas à crítica narratológica para, em seguida, inquirirmos sobre os desdobramentos socioculturais ligados ao enredo. No seio da vida privada, representada no romance, questões étnico-raciais manifestam-se na aparente “cordialidade” (Holanda, 2014) de relações intrafamiliares marcadas por um contexto de discriminação, violência de gênero e tentativas de apagamento.

Palavras-chave: Dois irmãos. Milton Hatoum. Violência. Trauma.

Abstract

Two Brothers (2000), by Milton Hatoum, tells the story of a family of Lebanese origin in Manaus. Its narrator, Nael, organizes the story based on the lives of the twins Omar and Yaqub. In addition to them, the narrator and his mother, the maid Domingas, stand out. Despite having been raised as one of the family members, Nael carries the stain of the trauma of his conception: Domingas was raped by one of the twins in her youth. Divided into twelve sections, the book contains the narration of the episode in its final moment. However, in the 4th chapter, we find the traumatic unfolding of the situation. Nael knew his home but knew little about his mother's origins. The expression of the child “without memory” is summarized in the following quote: “it is like forgetting a child inside a boat on a deserted river, until one of the banks welcomes him” (Hatoum, 2006). Here, in the wake of interrupted childhood, we intend to reflect on the countless acts of violence linked to the family environment at the beginning of the last century. In objective terms, the theoretical scope of the analysis will be alongside the unveiling of textual imbrications, associated with narratological criticism, in order to then inquire into the sociocultural developments linked to the plot. Within private life, represented by the novel, ethnic-racial issues manifest themselves in the apparent “cordiality” (Holanda, 2014) of intra-family relations marked by a context of discrimination and gender violence.

Key-words: Two Brothers. Milton Hatoum. Violence. Trauma.

Introdução

Dois irmãos (2000), de Milton Hatoum, apresenta a trajetória de uma família de origem libanesa em Manaus entre as décadas de 1940, 1950 e 1960. Seu narrador, Nael, estrutura o relato por meio das vidas dos gêmeos Omar e Yaqub. Neste sentido, faz-se evidente a organização da trama em torno de sua memória, uma vez que, a todo instante, ele reflete sobre si e a cidade a partir de reminiscências.

Dividido em doze capítulos, o romance tematiza episódios traumáticos das vidas de Nael e Domingas. Com isso, ressaltamos que Nael conhecia seu lar, mas pouco sabia das origens maternas. A imagem da criança “sem memória” encontra-se sintetizada na expressão a seguir: “[...] é como esquecer uma criança dentro de um barco num rio deserto, até que uma das margens a acolhe” (Hatoum, 2006, p. 54). Aqui, aproximamo-nos de uma das particularidades de *Dois irmãos*, já que a narração pode ser associada ao caráter de busca de si através da investigação memorial².

Após a morte do pai, ainda na infância, Domingas passa a viver em um orfanato até o dia em que, próximo à Igreja de Nossa Senhora dos Remédios³, ocorre a negociação entre a freira Damasceno e Zana, mãe dos gêmeos Omar e Yaqub. A partir daí,

² Sobre isso, Paul Ricoeur salienta: “Buscamos aquilo que tememos ter esquecido, provisoriamente ou para sempre, com base na experiência ordinária da recordação, sem que possamos decidir entre duas hipóteses a respeito da origem do esquecimento: trata-se de um apagamento definitivo dos rastros do que foi aprendido anteriormente, ou de um impedimento provisório, este mesmo eventualmente superável, oposto à sua reanimação? Essa incerteza quanto à natureza profunda do esquecimento dá à busca o seu colorido inquieto. Quem busca não encontra necessariamente. O esforço da recordação pode ter sucesso ou fracassar. A recordação bem-sucedida é uma das figuras daquilo a que chamaremos de memória ‘feliz’” (Ricoeur, 2007, p. 46).

³ Igreja que, em Manaus, abrigava os cristãos convertidos. Em seu entorno, viviam as famílias sírio-libanesas do período (meados de 1950).

a jovem viveria junto da família, realizando trabalhos domésticos e cuidando da educação dos filhos de Zana. Neste caso, os destinos dela e de seu filho convergem com os dos gêmeos Omar e Yaqub, dotados de trajetórias marcantes e decisivas no desenrolar da trama.

No contexto da análise, interessa-nos a representação de Domingas e de seu filho. Portanto, torna-se relevante o trauma que a levou ao silenciamento quanto à origem de Nael. Aqui, no núcleo-familiar do romance, encontramos questões étnico-raciais ligadas a uma hierarquia na qual a “cordialidade”⁴ e informalidade das relações intrafamiliares operam como mitigadoras da violência sofrida por Nael e Domingas. Assim, temos como eixo de análise, o modelo de narração utilizado na montagem da estrutura narrativa ligada ao narrador romanesco⁵.

Se levarmos em consideração outros romances de Milton Hatoum, veremos como a figura do narrador se impõe sobre o universo representado. Isto é, não há como ignorá-lo, uma vez que parte da singularidade de seus livros está na apresentação de indivíduos que, através do processo de rememoração, tentam superar cisões, traumas ou atribuir sentidos à própria origem.

4 Aqui, utilizamo-nos do termo segundo sua interpretação em *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. Em nota de rodapé, o autor reelabora as origens da “cordialidade brasileira”, remetendo-se aos escritores Ribeiro Couto e Cassiano Ricardo – responsáveis pela introdução do conceito entendido, outrora, como particularidade positiva do caráter brasileiro. Contudo, no ensaio “Homem cordial”, um dos capítulos de *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda interpreta-o sob a ótica a seguir: “[...] cabe dizer que, pela expressão ‘cordialidade’, se eliminam aqui, deliberadamente, os juízos éticos e as intenções apologéticas a que parece inclinar-se o Sr. Cassiano Ricardo, quando prefere falar em ‘bondade’ ou em ‘homem bom’. Cumpre ainda acrescentar que essa cordialidade, estranha, por um lado, a todo formalismo e convencionalismo social, não abrange, por outro, apenas e obrigatoriamente, sentimentos positivos e de *concórdia*. A inimizade bem pode ser tão *cordial* como a amizade, nisto que uma e outra nascem do *coração*, procedem, assim, da esfera do íntimo, do familiar, do privado” (Holanda, 2014, p. 240-241).

5 Walter Benjamin assim o caracteriza: “O que se anuncia nessas passagens é a memória perpetuadora do romancista, em contraste com a breve memória do narrador. A primeira é consagrada a *um herói, uma peregrinação, um combate*; a segunda a *muitos fatos dispersos*, a reminiscência (*Eingedenken*), musa do romance, surge ao lado da memória (*Gedächtnis*), musa da narrativa” (Benjamin, 2012, p. 228).

Um narrador à espreita

Apesar das semelhanças, é seguro dizer que entre *Relato de um certo Oriente* e *Dois Irmãos* há uma diferença fundamental. Se ambos tematizam a memória e períodos históricos semelhantes, n’*O relato*, lidamos com a emergência da plurivocidade. Ou seja, apesar de encontrarmos uma narradora responsável pela organização das histórias, abundam as vozes – sejam elas de familiares ou amigos – compondo, assim, a singularidade estrutural do romance. Por outro lado, se há equivalências entre os livros, centramo-las na apresentação de episódios traumáticos ligados aos personagens das tramas.

Entre os romances de Milton Hatoum, a singularidade na representação de Nael reside em incorporar à forma a focalização⁶ do narrador, engendrando silenciamentos ligados à sua condição. Nael não é, exatamente, o protagonista de *Dois irmãos*, porém, configura-se como figura central na tessitura narrativa.

Zana, Omar e Yaqub aparecem como eixos estruturantes da intriga. O olhar de Nael, por vezes encantado com a disposição para o trabalho e os estudos de um dos gêmeos, guia-nos por uma cidade prestes a modernizar-se. No romance, torna-se claro o abismo entre a Manaus pré e pós-regime militar. Os efeitos negativos da industrialização põem-nos diante de uma cisão, na qual, a chegada da Zona Franca de Manaus converte-se em experiência dramática para os habitantes da capital do Estado do Amazonas.

Omar e Yaqub são caracterizados como figuras

⁶ A respeito, Yves Reuter menciona: “Distingue-se tradicionalmente [...] três grandes perspectivas: a que passa pelo narrador, a que passa por uma ou várias personagens e a que parece neutra, que parece não passar por nenhuma consciência” (Reuter, 2004, p. 74). Neste caso, vemos *com e a partir* de Nael.

antagônicas⁷, cuja semelhança física destoa de suas posturas diante da vida privada e em sociedade. Ainda na juventude, ao suspeitar que um deles seria o seu pai, Nael declara sua preferência pelo “bom” Yaquib. No entanto, com o passar dos anos e sob os efeitos de acontecimentos ligados à industrialização de Manaus, o narrador aparta-se do idílio de sua perspectiva sobre aqueles tempos:

Nunca me interessei pelos desenhos da estrutura com suas malhas de ferro, tampouco pelos livros de matemática que Yaquib havia me dado com tanto orgulho. Queria distância de todos esses cálculos, da engenharia e do progresso ambicionado por Yaquib. Nas últimas cartas ele só falava no futuro, e até me cobrou uma resposta. O futuro, essa falácia que persiste (Hatoum, 2006, p. 196).

De certa forma, o advento da industrialização destrói o universo narrado nas primeiras páginas. Gradativamente, os personagens desiludem-se com as desigualdades trazidas pela ilusão do progresso, isto é, a cidade cresceria vertiginosamente, mas apartada do espaço onde se localiza: em meio à Floresta Amazônica e banhada pelo Rio Negro. Episódios como os do assassinato de Laval, professor de francês no Liceu frequentado por Omar e Nael, e a destruição da Cidade Flutuante evidenciam processos determinantes na composição urbana e cultural da cidade de Manaus após o golpe militar⁸.

O passado, o presente do narrador e o contexto histórico da narrativa – meados da década de 1940 adiante – imiscuem-se em um interessante exercício de rememoração. Aqui, as

7 Refiro-me aos gêmeos Omar e Yaquib.

8 Respectivamente, os episódios citados encontram-se em: Hatoum, 2006, p. 158-159; p. 142. Sobre a Cidade Flutuante e outros modos de habitação na cidade de Manaus, ver a dissertação: *Habitar na cidade: provisão estatal da moradia em Manaus, de 1943 a 1975* (Heimbecker, 2014, p. 85-135).

trajetórias de Nael e Domingas servem como guias para a análise do caráter fugidio das lembranças apresentadas no romance. O “narrador à espreita” ocupa posição privilegiada quanto ao desenrolar das ações, analisando-as em sua inteireza, de modo a complexificar a experiência cotidiana. Muitos são os detalhes e elementos arrolados às sequências de *Dois irmãos*. Dentre eles, destacamos o silêncio quanto a determinados episódios. O afastamento temporal e espacial do narrador oferece-nos a oportunidade de, através dele, inquirirmos sobre o significado da memória enquanto instância de composição da própria identidade. A “busca” de Nael revelará traumas ligados a cisões e silenciamentos, já a memória evocada evidenciará a natureza fugaz das imagens representadas.

Eu não sabia nada de mim: uma viagem a Acajatuba enseja lembranças

Eu não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde tinha vindo. A origem: as origens. Meu passado, de alguma forma palpitando na vida dos meus antepassados, nada disso eu sabia. **Minha infância, sem nenhum sinal de origem.** É esquecer uma criança dentro de um barco num rio deserto, até que uma das margens a acolhe (Hatoum, 2006, p. 54, grifos nossos).

O quarto capítulo de *Dois irmãos* marca uma transição na vida do narrador⁹, e isto ocorre através da intensificação de sua relação com a mãe. Seccionado em cinco partes, interpretaremos duas delas. Aqui, interessam-

9 Tratado pela abordagem narratológica como esquema quinário, utilizamos a ideia de sequência narrativa apresentada por Yves Reuter em *Introdução à análise do romance* (Reuter, 2004, p. 49-52). Através dela, temos certeza quanto à transformação ligada ao episódio narrado no capítulo.

nos as lembranças de Domingas em Jurubaxi e no Orfanato. O trecho transcrito, coloca-nos diante da problemática a seguir: Nael existia, mas não conhecia sua origem. Também sabia que Domingas era sua **mãe**, mas e o pai, quem era?

Além do antagonismo entre os gêmeos, um dos pontos de tensão em *Dois irmãos* diz respeito à paternidade do garoto criado junto da família. Caracterizamo-lo inicialmente como “agregado” porque, de certo modo, Nael gozava de alguns privilégios, mas aparentemente não tinha relação biológica com Zana, Halim e seus filhos. Sua investigação acerca das origens, coloca-o noutro posto, pois a cada hesitação, Domingas revela, tacitamente, que o garoto teria como pai um dos gêmeos. À parte isso, há outros elementos a serem discutidos, sobretudo aqueles que põem em xeque as relações sociais no Brasil.

Obviamente, não há como refletirmos minuciosamente sobre a complexidade da questão, mas, não apenas a narrativa de Milton Hatoum, mas a própria História política e social do Brasil evidencia a reiteração de hierarquias ligadas ao ideário racial¹⁰. Neste sentido, a educação de Domingas no orfanato das Irmãzinhas de Jesus, leva-nos a ressaltar o lugar da dor como “instrumento pedagógico”. A mãe de Nael vem a Manaus após a morte do pai. A própria não lembra tanto da avó do garoto, mas guarda, em seu idílio memorial, as cenas do pai e dos irmãos como “imagens de liberdade”.

10 Na tese de doutorado *Infâncias em situação-limite na literatura brasileira: representações em perspectiva*, Vivian Bezerra Da Silva apresenta interessante panorama a respeito, sobretudo nos subcapítulos: “A criança órfã” e “A invisibilização das pajens” (p. 40-55). Em sua análise, a autora evidencia a representação de episódios apartados do imaginário normalmente associado à infância, compondo, assim, um cenário no qual somos instados a avaliar e reavaliar o lugar da criança na literatura brasileira.

Após a morte do pai, Domingas foi de Jurubaxi a Manaus acompanhada por uma freira. No capítulo, Nael narra como Domingas rememora parte de suas origens em ambos, povoado e orfanato, enquanto estão a caminho de um casamento em Acajatuba, comunidade ribeirinha próxima a Manaus.

Aqui, guiados por Nael, encontramos linhas a respeito de Jurubaxi, do orfanato e, sobretudo, da naturalização da violência como instrumento educacional. Ao lembrar do período sob o domínio de Irmã Damascena e da simbologia do orfanato que a “acolheu”, temos o seguinte relato:

Detestava o orfanato e nunca visitou as Irmãzinhas de Jesus. Chamavam-na de ingrata, mal-agradecida, mas ela queria distância das religiosas, nem passava pela rua do orfanato. A visão do edifício a oprimia. As palmadas que levou da Damasceno! Não escolhia hora nem lugar para tacar a palmatória. **Estava educando as índias, dizia¹¹** (Hatoum, 2006, p. 57, grifos nossos).

Domingas sintetiza suas funções no orfanato como estando ligadas à limpeza dos banheiros, refeitório, corte e costura. Causava-lhe asco o cheiro das roupas lavadas e da creolina utilizada no processo. Aqui, o trabalho braçal adquire a função de “pagamento” pelo abrigo e alfabetização. A arbitrariedade da violência, expressa em “não escolhia hora nem lugar”, representa a reiteração da hierarquia entre a freira e a jovem Domingas. Além disso, o seu destaque às origens indígenas da garota, encaminha-nos para a demarcação racial que, nominalmente, “justifica” a violência.

11 Páginas depois, ao descrever Estelita Reinoso, Nael abre aspas a um semelhante julgamento: “Não valia a pena educar aquelas cabocas, estavam todas perdidas, eram inúteis” (Hatoum, 2006, p. 61).

Na “transação” na qual Domingas passa ao domínio de Zana, matriarca do romance, a própria avalia que não seria livre, mas ao menos o sem-número de punições cessariam, como atestaremos a seguir:

Na casa da Zana o trabalho era parecido, mas tinha mais liberdade... Rezava quando queria, podia falar, discordar, e tinha o canto dela. Viu os gêmeos nascerem, cuidou do Yaqub, brincaram juntinhos... Quando viajou para o Líbano sentiu falta dele. Era quase um menino, não queria ir embora (Hatoum, 2006, p. 57).

Na casa de Zana, como doméstica não-remunerada, Domingas passará a exercer todo tipo de atividade. Como o trecho está configurado sob a forma de *discurso indireto*, o narrador assinala as diferenças, mas omite-se, pelo menos nesse instante da narrativa, de avaliá-las.

Após a viagem até Acajatuba, o menino abandona o quarto da mãe a mando do patriarca Halim. A justificativa: “[ele] já passara da idade de dormir com a mãe no mesmo quarto” (Hatoum, 2006, p. 59). A hesitação acerca da origem do garoto permanece, mas nesse contexto debatemos as questões abaixo.

A primeira delas diz respeito aos castigos no orfanato, ligados a uma ideia de educação próxima à da domesticação de animais. Domingas, antes de tudo, como suas companheiras, era *índia*. Sua incorporação ao seio da família de origem libanesa encaminha-nos para outro traço de manifestação da hierarquia entre classes e raças no Brasil. A aparente cordialidade de Zana e Halim acobertarão o estupro cometido por um dos filhos a uma jovem, já a inclusão de Nael na família estará associada a um silenciamento sobre o crime que lhe pôs no mundo.

A juventude de Nael

Neste momento, o *discurso indireto dá vazão ao relato autobiográfico minucioso, no qual a primeira pessoa dificilmente deixa margens à divagação. As descrições* apresentam o incômodo do personagem diante de sua situação, o que nos aproxima da “violência cordial” – ou simbólica – incorporada ao seu cotidiano. Apesar de ser tratado como “membro da família”, o narrador trabalha para os libaneses e vizinhos. De Zana e Halim, Nael recebe em troca moradia e alimento; dos demais, o que julgavam digno a partir da missão dada ao garoto.

Em síntese, sua vida dividia-se entre a escola, as atividades domésticas e os demais serviços. Aos domingos, Nael experimentava espaços que não os ligados à família e aos vizinhos, como nos é permitido saber no trecho a seguir:

Aos domingos [...] eu folgava um pouco, passeava ao léu pela cidade, atravessava as pontes metálicas, perambulava nas áreas margeadas por igarapés, os bairros que se expandiam àquela época, cercando o centro de Manaus. Via um outro mundo naqueles recantos, a cidade que não vemos, ou que não queremos ver (Hatoum, 2006, p. 59).

A sequência dedicada à descrição da folga dura uma página e meia¹², já que grande parte de sua vida estava dedicada a satisfazer os desejos dos donos da casa. Neste sentido:

12 A brevidade da cena, curta em relação ao restante da narração, leva-nos a traçar um paralelo com os versos da canção *Felicidade*, cuja letra pertence a Vinícius de Moraes: “A felicidade é como a pluma/ Que o vento vai levando pelo ar/ Voa tão leve/ Mas tem a vida breve”.

[...] ajudava na faxina, limpava o quintal, ensacava as folhas secas e consertava a cerca dos fundos. Saía a qualquer hora para fazer compras, **tentava poupar minha mãe** [...]. Zana inventava mil tarefas por dia, não podia ver um cisco, um inseto nas paredes, no assoalho, nos móveis, [...]. Além disso, havia os vizinhos. Eram uns folgadões, pediam a Zana que eu lhes **fizesse um favorzinho**, e lá ia eu [...] (Hatoum, 2006, p. 61, grifos nossos).

No curso da narração, notamos como inquietava-o a arbitrariedade das ordens. Pelo núcleo “burguês” de *Dois irmãos*, comprehende-se Nael como o bom garoto que, apesar de tudo, não negará um ou outro “favorzinho” aos seus senhores. Aqui, torna-se possível o estabelecimento de paralelos entre o texto de Milton Hatoum e os ensaios “As Ideias fora do lugar”¹³, de Roberto Schwarz, e “O homem cordial”¹⁴, escrito por Sérgio Buarque de Holanda.

Roberto Schwarz torna flagrante a paradoxal existência do ideário liberal em uma sociedade marcada pela dinâmica do patriarcalismo. A arbitrariedade no emprego da violência como instrumento pedagógico adquirirá lugar simbólico no cotidiano de Nael e Domingas sob a égide do “favor”, caracterizado assim pelo crítico literário:

O elemento de arbítrio, o jogo fluido de estima e autoestima a que o favor submete o interesse material [...]. O favor, ponto por ponto, pratica a dependência da pessoa, a exceção à regra, a cultura interessada, remuneração e serviços pessoais (Schwarz, 2012, p. 17).

13 SCHWARZ, Roberto. “As Ideias fora do lugar”. In: *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; ed. 34, 2000, p. 9-33.

14 HOLANDA, Sérgio Buarque de. “O homem cordial”. In: *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, 169-182.

Por sua vez, a cordialidade, se enxergada como a manifestação da violência, conscientiza o narrador diante da arbitrariedade comum à burguesia brasileira. Grifamos o diminutivo, precisamente, para evidenciar a utilização da informalidade com vias à submissão, como nos permite notar Sérgio Buarque de Holanda:

No domínio da linguística, para citar um exemplo, esse modo de ser parece refletir-se em nosso pendor acentuado para o emprego dos diminutivos. **A terminação inho, apostava às palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo.** É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximar-los do coração (Holanda, 2014, p. 178).

Nosso outro destaque diz respeito à mãe como horizonte ligado à permanência. Em oposição ao filho, Domingas segue na residência de Zana. O vazio, quanto ao julgamento pela escolha, se dá no plano daquilo que cada geração foi capaz de conceber enquanto horizonte de expectativa. Nael coloca-se no lugar de, eventualmente, dividir as tarefas domésticas com Domingas, o que não o chateia como quando seus estudos são interrompidos pelos caprichos de Zana¹⁵. Sua repulsa aparece novamente quando Domingas indica a “paciência”¹⁶ como remédio contra as ignomírias. Apesar disso, o imaginário do narrador a respeito da “fuga” mantém-se vivo:

Quantas vezes pensei em fugir! Uma vez entrei num navio italiano e me escondi, estava decidido: ia embora, duas semanas depois desembarcaria em Gênova, e eu só sabia que

15 Hatoum, 2006, p. 65.

16 Hatoum, 2006, p. 66.

era um porto na Itália. Tinha rompantes de fuga, podia embarcar para Santarém ou Belém, seria mais fácil. Olhava para todos aqueles barcos e navios atracados no Manaus Harbour e adiava a partida. **A imagem de minha mãe crescia na minha cabeça, eu não queria deixá-la sozinha nos fundos do quintal [...] (Hatoum, 2006, p. 66, grifos nossos).**

Ao serem comparados na passagem anterior, Nael e Domingas reúnem-se, cada um ao seu modo. O ideal de fuga existe, mas a narrativa sugere a impossibilidade, sobretudo no caso da mãe de Nael. Afinal de contas, ela nunca mais encontraria o velho povoado de Jurubaxi.

Dava vontade de fugir. Duas internas, as mais velhas, conseguiram pular o muro dos fundos, caíram no beco Simón Bolívar e sumiram no matagal. Foram corajosas. Deus vai castigar, diziam [...]. **Domingas não aguentava mais** (Hatoum, 2006, p. 56, grifos nossos).

Ambos tencionavam abandonar o lugar onde eram oprimidos. A violência tácita dos arbítrios de Zana, Omar, e vizinhos os inquietava. Neste sentido, parece-nos evidente a ideia de que o “sofrimento justificado” de Nael e Domingas, naquela sociedade, reside em suas origens. O corpo da mãe do narrador “podia ser violado” – sexualmente, como veremos – e açoitado devido às suas raízes indígenas. Nael devia abandonar os deveres da escola para atender aos pedidos de Zana por ser ilegítimo, “bastardo”. Em sua indignação, Nael poupa apenas Halim, marido de Zana e pai de Rânia, irmã dos gêmeos.

A origem de Nael

Omissões, lacunas, esquecimento. O desejo de esquecer. Mas eu me lembro, sempre tive sede de lembranças, de um passado desconhecido, jogado sei lá em que praia de rio (Hatoum, 2006, p. 67)

Em *Dois irmãos*, não apenas o nome, mas a origem do narrador revela-se no capítulo nono. No fim da vida, por volta dos 50 anos, Domingas já não carrega a energia de antes. Se a viagem a Acajatuba, comunidade ribeirinha às margens do Rio Negro, desencadeia o passado, um breve passeio pela zona portuária de Manaus, com parada na praça da Matriz¹⁷, esclarece o episódio ligado ao nascimento de Nael.

A morte de Domingas, bem como a origem do narrador, adquire contornos simbólicos no romance. Prestes a morrer, antes do passeio, ela entoa o velho acalanto aprendido ainda em Jurubaxi. Desta vez, o canto vem em nheengatu¹⁸. No domingo, seu dia de folga, Nael recebe o convite para o passeio, e em cena semelhante à que antecede o trespassse de Halim, o patriarca da família libanesa, ambos iniciam uma caminhada em torno do porto de Manaus. Aqui, o *discurso indireto*, cede espaço às aspas, presentes na citação a seguir:

“Quando tu nasceste”, ela disse, “seu Halim me ajudou, não quis me tirar de casa... Me prometeu que ias estudar. Tu eras neto dele, não ia te deixar na rua. Ele foi ao teu batismo, **só ele me acompanhou**. E ainda me pediu para escolher teu nome. **Nael, ele me disse, o nome do pai dele**. Eu achava um nome estranho, mas ele queria muito [...]” (Hatoum, 2006, p. 180, grifos nossos).

17 Popularmente, a praça permanece conhecida como “Matriz”, mas seu nome oficial é Praça XV de Novembro. Ver: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4420/>>. Acesso: 15/11/2024.

18 HATOUM, 2006, p. 179.

Na sequência, Domingas retoma a dicotomia moral e ética dos gêmeos. Yaqub, ainda idealizado, representa o polo trabalhador e independente. É o filho que, cedo, foi a São Paulo, e se firmou como engenheiro¹⁹. Por sua vez, Omar saiu de Manaus apenas por conta da mãe, devido a um de seus vários casos com as prostitutas da cidade. Temerosa pelo presente e futuro do filho, Zana enviara-o a São Paulo para estudar; no entanto, meses depois, o “Caçula” largou a escola, roubou o irmão e seguiu para os Estados Unidos.

A seguir, a revelação de Domingas:

Ela me enlaçou, beijou meu rosto e abaixou a cabeça. Murmurou que gostava tanto de Yaqub... Desde o tempo em que brincavam, passeavam. Omar ficava enciumado quando via os dois juntos, no quarto, logo que o irmão voltou do Líbano. **“Com o Omar eu não queria... Uma noite ele entrou no meu quarto fazendo aquela algazarra, bêbado, abrutalhado... Ele me agarrou com força de homem. Nunca me pediu perdão./ Ela soluçava, não podia falar mais nada”** (Hatoum, 206, p. 180-181, grifos nossos).

No contexto da narrativa, tendo como plano de fundo o breve sumiço de Omar, Nael cala a respeito. A hesitação na fala, marcada pelo emprego das reticências²⁰, evidencia o drama envolto no trauma gerado pela violação do corpo. Acobertado pela família, o episódio norteia formalmente a narrativa. Através

19 Apenas a título de informação, o trecho que atesta o ofício citado: “Cresci vendo as fotos de Yaqub e ouvindo a mãe dele ler suas cartas. [...]. Durante anos, essa imagem do galã fardado me impressionou. Um oficial do Exército, e futuro engenheiro da Escola Politécnica” (Hatoum, 2006, p. 45).

20 Em *A arte da pontuação*, Noah Lukeman caracteriza a utilização de reticências em diálogos como tendo a função a seguir: “Elas desempenham um papel singular, permitindo que o escritor indique uma **desaceleração** ou uma breve passagem de tempo. São particularmente fortes e eficazes nos diálogos” (Lukeman, 2011, p. 165). A desaceleração, no caso, diz respeito à hesitação diante do trauma do episódio.

dele, compreendemos o silêncio quanto ao nome do narrador. O autor, aqui, optou por nomeá-lo em cena junto ao batismo. Após a revelação, Domingas morre em sua rede. O impacto da confissão, em Nael, adquire destaque no trecho: “Eu olhava o rosto de minha mãe e me lembrava da brutalidade do Caçula” (Hatoum, 2006, p. 182). Após a morte de Domingas, Nael pede a Rânia, irmã dos gêmeos, para que sua mãe seja enterrada junto a Halim. Ela atende ao pedido.

De início, o narrador concede a Yaqub uma idealização que, com o transcurso do romance, converte-se em equivalência no plano do julgamento moral. Ambos os gêmeos evocariam sombras em seu passado. Exemplo disso, no seio do relato, é o ato que envolve uma das fotografias guardadas por Nael, simbolizando assim o fim do idílio e o início da tentativa de apartar-se de Omar e Yaqub:

O futuro, essa falácia que persiste. Só guardei um único envelope. Aliás, nem isso: uma fotografia em que ele e minha mãe estão juntos, rindo, na canoa atracada perto do Bar da Margem. Ela quase adolescente, ele quase criança. **Recortei o rosto de minha mãe e guardei esse pedaço de papel precioso, a única imagem que restou do rosto de Domingas. Posso reconhecer seu riso nas poucas vezes que ela riu, e imaginar seus olhos graúdos, rasgados e perdidos em algum lugar do passado** (Hatoum, 2006, p. 196, grifos nossos).

No que se refere ao corte na fotografia, recorreremos a dois autores, ambos filósofos, para interpretá-lo: Walter Benjamin e Susan Sontag. Em *A obra de arte na era de sua reproduzibilidade técnica* (1935/1936), dentre outros temas, o ensaísta alemão analisa o “culto” associado à recorrência da aparição do rosto

humano nas fotografias do século XIX. Portanto:

O refúgio derradeiro do valor de culto²¹ foi o culto da rememoração, consagrada aos amores ausentes ou defuntos. Nas antigas fotos, a aura acena pela última vez na expressão fugaz de um rosto humano. É o que lhe dá sua beleza melancólica e incomparável (Benjamin, 2012, p. 189).

Ademais, resta-nos atentar para o simbolismo do ato de fotografar, daí a relevância de referirmo-nos a Susan Sontag:

Tirar uma foto é participar da mortalidade, da vulnerabilidade e da mutabilidade da pessoa (ou coisa). Justamente por cortar uma fatia desse momento e congelá-la, toda foto testemunha a dissolução implacável do tempo (Sontag, 2004, p. 26).

A foto da mãe, ainda jovem, *congela*, apropriando-nos do vocabulário de Susan Sontag; o raro sorriso da vida cindida pela abrupta morte do pai, vinda a Manaus e convívio com os gêmeos, Zana, Halim e seu filho. O simbolismo ligado à separação do rosto da mãe, na foto, do de Yaqub a desvencilha do destino associado à família libanesa.

O ato de manter a imagem como parte de seu relicário, no caso do narrador, sacraliza a relação entre mãe e filho, promovendo o “culto estabelecido entre o dono do retrato e a retratada”. Os traumas ressoam, contudo, por meio da inversão hierárquica entre os personagens da narrativa, compreendemos como o romance, através da evocação da memória, alumia

21 No ensaio supracitado, o filósofo define assim o culto: “A forma mais originária de inserção da obra de arte no contexto da tradição se exprimia no culto. As mais antigas obras de arte, como sabemos, surgiram a serviço de um ritual, inicialmente mágico, e depois religioso” (Benjamin, 2012, p. 185).

trajetórias de duas vítimas da tácita “violência cordial” exercida pela classe média brasileira.

Considerações finais

Naquela época, tentei, em vão, escrever outras linhas. Mas as palavras parecem esperar a morte e o esquecimento; permanecem soterradas, petrificadas, em estado latente, para depois, em lenta combustão, acenderem em nós o desejo de contar passagens que o tempo dissipou. E o tempo, que nos faz esquecer, também é cúmplice delas. Só o tempo transforma nossos sentimentos em palavras mais verdadeiras (Hatoum, 2006, p. 183, grifos nossos).

Dois irmãos enseja reflexões sobre a memória e o trauma. Almejando o retrato fiel de sua realidade, Nael revela enorme preocupação em resolver lacunas ligadas ao passado. No curso deste artigo, analisamos dois dos doze capítulos do romance. O primeiro deles, seccionado em cinco partes, subverte o plano habitual de resolução de “situações perturbadoras” por meio de uma dinâmica sequencial. Ou seja, apesar das revelações em Acajatuba, paira o silêncio quanto à origem.

A revelação, feita por Domingas cinco capítulos após a enunciação sobre seu passado, confirma-nos a inversão na estrutura formal do romance. Tamanha é a tensão ligada ao passado lacunar que, para além dos gêmeos, importa-nos o narrador inominado. *Dois irmãos*, neste sentido, não exibe a perspectiva da alta sociedade manauara. Daí a relevância do enfoque narrativo. Por meio do romance, lidamos com tensões ligadas a eventos traumáticos vivenciados por Domingas e Nael.

Revela-se a origem do narrador próximo da morte de

Domingas, que confirma estupro cometido por Omar, e muitas vezes sugerido no curso do romance. O crime do gêmeo ocorre em meio à sua insatisfação diante da proximidade entre Domingas e Yaqub. Ele penaliza-a para vingar-se do irmão, atitude recorrente na trama. Seu privilégio de classe materializa-se com o uso arbitrário e criminoso do corpo da indígena. Neste caso, estamos diante do estrago físico e psicológico que, ao lado de outra série de ignomínias, torna latente o exercício da violência como algo natural às famílias da alta sociedade brasileira.

O injustificável adquire suavidade no trato de Zana, sua mãe, que sequer menciona o caso. O ato de enterrar Domingas junto a Halim adquire simbolismo no plano sentimental das lembranças do narrador. Afinal de contas, foi o patriarca o responsável por nomeá-lo, e, muitas vezes, era ele que o livrava da punição ligada à condição de “criança bastarda”.

Dois irmãos problematiza a memória sob a ordem da reminiscência, aqui compreendida mediante ao ensaio “O narrador: considerações sobre Nikolai Leskov” (1936)²², de Walter Benjamin. Entretanto, nossa interpretação afasta-se da enunciação do filósofo no plano de incorporação das “musas” como elementos ligados à criação. Em sua apreciação, interessamos o paralelo entre o ato de rememorar do narrador tipicamente romanesco e a reminiscência, cujo sentido associa-se à lembrança paulatina por meio de cenas e episódios esparsos no tempo. Muitos dos silêncios apresentados em nossa análise, de certa forma, engendram ainda o caráter incerto da “busca”, já que, geralmente, haverá lugares de fragmentação e incompletude na experiência humana.

Por outro lado, tornamos possível o retrato de vidas cujo

²² Ver: Benjamin, 2012, p. 228.

cotidiano está circunscrito à “agressividade cordial” de uma família provinciana de origem libanesa. Literariamente, da composição à exposição dos sentidos, o lugar de Nael e Domingas adquire verossimilhança no plano formal. Assim, questionamos sobre a sociedade brasileira, eivada em arbítrios suscitados pelos episódios narrados. Apesar de particulares e privadas por excelência, as trajetórias representadas por Milton Hatoum conservam interessantes chaves de leitura e interpretação social. Por meio das cisões e dos traumas evocados, *Dois irmãos* encaminha-nos para uma relevante investigação a respeito de identidades e subjetividades possíveis na contemporaneidade.

Referências

- BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reproduzibilidade técnica”. In: **Magia, técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 179-212.
- BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: **Magia, técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 213-240.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, tradução de Hildegard Feist, 2019.
- HATOUM, Milton. **Relato de um certo Oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- HEIMBECKER, Vládia Pinheiro Cantanhede. **Habitar na cidade**: provisão estatal da moradia em Manaus, 1943 a 1975. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Amazonas. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/4941>>. Acesso em: 23 nov. 2024.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. “O homem cordial”. In: **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LUKEMAN, Noah. **A arte da pontuação**. Tradução de Marcelo Dias Almada. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

REUTER, Yves. “Abordagens metódicas”. In: **Introdução à análise do romance**. Tradução de Angela Bergamini... [et al]. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: editora da Unicamp, 2007.

SCHWARZ, Roberto. “As ideias fora do lugar”. In: **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo, Duas Cidades: Editora 34, 2012.

SONTAG, Susan. “Na caverna de Platão”. In: **Sobre a fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 11-35.

SONTAG, Susan. “O mundo-imagem”. In: **Sobre a fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 167-196.

SILVA, Vivian Bezerra Da. **Infâncias em situação-limite na literatura brasileira contemporânea**: representações em perspectiva. Tese (Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro Instituto de Letras. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <<http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/21008>>. Acesso em: 15 dez. 2024.